

pesquisa de campo, está se fazendo telefone, com mais dificuldade. Talvez esteja até divulgando dados piores que a realidade. E o Caged é o inverso. E, agora, não é mais Caged, agora é o eSocial. Se não me engano, saíram os dados de março, ontem. Mas, até fevereiro, por exemplo, Arraial do Cabo teria tido um boom de emprego. Aí nós fomos examinar, fomos nos microdados olhar, e na verdade agora no eSocial você vai ter a junção do Caged com a RAS e vai entrar emprego público. E Arraial do Cabo já botou. Então, Arraial do Cabo teria crescido 70% em emprego esse ano, mas porque botou o estoque inteiro de funcionários públicos dentro. Está dentro porque vai ter de fazer isso até o segundo semestre, e já fez, e o Ministério da Economia está desconhecendo isso tudo e está botando tudo como se fosse uma mesma metodologia, uma mesma trajetória. Então, com toda a certeza, esses Cageds que têm sido divulgados estão, infelizmente, sobrestimados. Então, a gente vai ter que ter muito cuidado com essa ausência do censo, se mantiver. Essas confusões que a gente está tendo com os dados da Pnad e do Caged, a gente numa crise monstruosa como essa, a gente fica com bússolas avariadas. Então, é uma coisa extremamente grave.

Mas, tirando essa observação, voltando para cá, a gente vê uma perda muito grande e um dinamismo muito baixo. Na verdade, no estado do Rio de Janeiro, o número de empregos na indústria de transformação cai. Se São Paulo cai, mas cai proporcionalmente menos. Minas aumenta. Santa Catarina é um exemplo para nós, aumenta muito. Paraná, Rio Grande do Sul. Então, a gente tem uma crise específica.

E por que eu boto a indústria de transformação? Porque houve uma época que se dizia que a indústria tinha perdido relevância. E agora está se vendendo que não. A indústria é 4.0. Hoje em dia, é muito mais fluida a fronteira entre indústria a serviço da agricultura, mas a indústria continua tendo um papel central, principalmente quando a gente discute desenvolvimento regional, porque é importante, principalmente em regiões com baixo dinamismo ou deprimida. A indústria, geralmente quando se instala numa região, ela vende também para outras e está gerando renda nova para aquele território no qual ela está instalada.

Bom, esse é outro dado também que mostra que, na verdade, o Rio não é um playboy filho de um pai rico. Pode até ser um playboy, mas é playboy filho de um pai remediado, ou pobre. Se a gente olhar aqui, nós estamos no terceiro PIB per capita, mas em termos de receita corrente líquida per capita, a gente está só 17ª. posição. Em termos de ICMS, na 13ª. Na verdade, não é principalmente por causa dos incentivos fiscais, embora eu acho que eles devam ser revistos. A gente vai organizar uma matriz insumo/produto exatamente para dar mais racionalidade a essa discussão.

Hoje, no estado do Rio de Janeiro tem trezentos tipos de incentivos fiscais. Tem empresa que tem mais de um. Por outro lado, tem comunicação e energia elétrica que pagam um ICMS mais alto. Tem o problema de que no petróleo o ICMS é cobrado no destino, e não na origem. Enfim, a gente precisa rever toda essa nossa estrutura de ICMS. Então, a gente tem um problema de receita. O problema principal no estado do Rio de Janeiro é de receita. Tem malversação, tem uma série de coisas, tem desestruturação do setor público, mas tem um gravíssimo problema de receita. Então, é uma maluca completa quererem tirar os royalties do estado do Rio de Janeiro. A gente tem conseguido manter isso com a liminar, mas é preciso dar a clareza, tanto no estado do Rio de Janeiro quanto no Brasil, qual é de fato a real situação do estado do Rio de Janeiro.

Aqui, Santa Catarina, ICMS. É o primeiro, e é o Estado que tem a estrutura produtiva mais densa, e é o estado brasileiro mais industrializado. Então, eu acho que de fato a gente deve procurar se mirar no exemplo de Santa Catarina.

Isso aí é quanto o Governo Federal arrecada no estado do Rio de Janeiro e quanto ele devolve. Na verdade, ele arrecada 174 bi. Esse dado é de 2019, do Ministério da Economia. E devolve 36. O valor aqui da arrecadação é alto também porque aqui tem sede de empresas nacionais, estatais. Mas o fato é que essa lógica, o estado do Rio de Janeiro é tratado meio que parecido com São Paulo. E nós não somos, como a gente viu na tabela anterior, não somos mais um estado rico. Por exemplo, aqui não está o Piauí, mas a gente botou em outra apresentação, para o Colégio de Líderes. Lá, o governo federal arrecada dois bi e devolve dez bi. Então, eu acho que o Wellington Dias, que é o principal inimigo dos royalties do Estado do Rio de Janeiro - já foi governador duas vezes e agora voltou -, eu acho que ele tem que mirar nos royalties do governo federal, tem que mirar em outras coisas, porque senão ele vai gerar, vai estar contribuindo decisivamente com a falência do Estado do Rio de Janeiro e um caos social e uma convulsão social. Não dá para prever sem os royalties como ficará.

Isso aí é outra cidade do Rio de Janeiro. A gente recebe menos transferência per capita do que a cidade de São Paulo. A cidade do Rio tem uma desigualdade muito maior. Está numa crise muito pesada, que se aprofundou a partir de 2015. Então, me parece que não tem pé nem cabeça. E estado do Rio de Janeiro não tem tradição de fazer reivindicações regionais, mesmo que elas sejam legítimas. E a gente tem que usar essa trajetória cosmopolita do estado do Rio de Janeiro, ser a principal referência internacional do país, mas também passar a fazer todas as demandas regionais que sejam corretas.

Não dá para discutir a Reforma Tributária sem estar discutindo, na verdade, quem é que vai ser mais tributado, se é a renda e riqueza ou a produção e o consumo. Eu acho que tem que ser a renda e riqueza. Diminuir o imposto sobre a produção e o consumo, e aumentar sobre a renda e riqueza. E, também, a questão do Pacto Federativo junto da discussão da Reforma Tributária. Não tem como discutir Reforma Tributária sem rediscussão do Pacto Federativo, que eu acho que é muito ruim para o Estado do Rio de Janeiro.

O Fernando Rezende, que é um dos maiores estudiosos dessa questão federativa - eu tenho participado de algumas reuniões com ele -, ele também acha que esse pacto federativo está muito ruim do ponto de vista da parte fiscal. Precisa rediscutir isso.

O SR. ALEXANDRE FREITAS - Osório, somos três.

O SR. MAURO OSÓRIO - Ok.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Paulo) - Obrigado pela presença, Alexandre.

O SR. MAURO OSÓRIO - Obrigado, Alexandre. Agora, essa é uma tabela que a gente fez.

O Zé Roberto Afonso fez um trabalho, há um tempo, que mostrava que o Estado do Rio e o do Espírito Santo eram as unidades da Federação que tinham a menor relação percentual entre despesa do pessoal ativo, mas isso é Poder Executivo, e a receita corrente líquida dos governos estaduais nas unidades federativas. Isso é 2020. A gente vê que, na verdade, a gente compensou o Ativo no Poder Executivo, é 30%. Eu estava até conversando ontem com o jornalista, até com o Presidente André Ceciliano e ele estava me pedindo um dado sobre o Rio porque um Deputado Federal extremamente importante no Congresso Nacional estava achando que a cidade do Rio era só funcionário público. Na verdade, o total de funcionários públicos, somando municipais, federais e estaduais da cidade do Rio não chega a 20% do total do emprego total formal. Ou seja, na verdade, na cidade do Rio de Janeiro, a gente tem muito emprego privado. Onde tem mais atividade econômica privada no estado do Rio de Janeiro é na cidade. E o nosso maior problema é a periferia metropolitana.

Mas, enfim, a gente tem um problema de falta de pessoal muito grave no Estado do Rio de Janeiro em muitas áreas. Na própria área da Receita, da Secretaria de Fazenda, nós tínhamos cerca de 1.200 engenheiros nos anos 80. Hoje nós temos quatrocentos perto de se aposentar. Não temos, Deputada Martha Rocha, que é muito a sua área, área social, não temos nenhum assistente social de carreira na Secretaria voltado para a área de Assistência Social no Governo do Estado. Três técnicos de Turismo. A Fundação Ceperj não tem um único estatístico. Então, como é que a gente pode ficar sem concurso durante cinco, durante dez anos para repor e para botar onde não tem. A Prefeitura do Rio tem cerca de quinhentos assistentes sociais. Então, essa ideia de qual é o peso do funcionalismo no gasto do Estado do Rio de Janeiro no pessoal da ativa e principalmente do pessoal do Executivo, basicamente.

Teve uma época que o nosso Tribunal de Contas do Estado

do Rio de Janeiro, até uns quatro, cinco anos atrás, ele gastava mais do que o de São Paulo. São Paulo tem uma Receita três vezes maior que a nossa e tem uma economia, uma Receita Tributária, uma população que é o triplo quase da nossa também. Mas isso ainda bem que já mudou. Os Conselheiros substitutos estão lá, estão fazendo um bom trabalho. Já teve uma maior racionalização de gastos ali. Mas, a gente precisa discutir também os gastos dos três Poderes.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Paulo) - Mauro.

O SR. MAURO OSÓRIO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Paulo) - Quería fazer também uma segunda sugestão.

O SR. MAURO OSÓRIO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Paulo) - E vai ser importante até para as discussões no Regime de Recuperação Fiscal.

Eu acho esse gráfico que você estruturou muito interessante. E acho que nós poderíamos ver, se você poderia fazê-lo, também para o ano 2020, o mesmo para inativos e pensionistas.

O SR. MAURO OSÓRIO - Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Paulo) - E mais um outro que somasse ativo, inativo e pensionista. Porque a gente precisa ter a visão global, o que representa o ativo, o que representa o inativo. E aí eu acho que ia ficar com o panorama cotejado com o Brasil inteiro, muito interessante, porque aí vai aparecer, no meu entendimento claramente, que a questão central é buscar uma solução definitiva para o Brasil inteiro para inativo e pensionista. Então, você pode adicionar esses dois...

O SR. MAURO OSÓRIO - Vamos fazer. Mariana, vai anotando aí. Já é a segunda sugestão.

Bom, isso aí é uma tabela que a gente fez para a reunião do Colégio de Líderes, na discussão do acordo de recuperação fiscal. A gente, assinando o Acordo, tem uma economia no curto prazo de cinquenta bi, mas a longo, e a gente vê que até 2051 teria que pagar 345 bilhões. É uma loucura. E, na verdade, entre 1997 e 2016, a dívida foi corrigida pelo IGP, que é um índice extremamente volátil e um juro de 9%. Eu acho que tem que ter uma rediscussão com o governo federal dessas dívidas estaduais e uma nova repactuação. Realmente eu acho que é uma maluquice. Isso acho que precisa estar no Acordo.

E tem uma discussão também que parece que tem uma lei que já foi aprovada no Congresso, e o Bolsonaro ainda não sancionou ou vetou, que permite concurso, que permite plano de carreira, mas desde que a troika, as três pessoas que vão acompanhar, elas concordem. Parece que teria isso nessa lei. E

O atual governo federal, na área fiscal, tem uma visão muito de estado mínimo. É legítimo que tenha e deve indicar pessoas nessa linha. E a gente precisa levar em consideração inclusive a situação do estado do Rio de Janeiro, que é de falta de gente, no total, no conjunto. Claro que tem que olhar casos a casos, Instituição e Instituição, verificar, enfim, quer dizer, com isso e ter o máximo de cobrança e apoio também. Mas, precisa rediscutir essa lei, discutir também e ver como é que a gente faz para não ter também uma comissão fiscalista em excesso e que não consiga resolver, não permita que o Estado do Rio de Janeiro saia dessa crise fiscal, que só vai sair com o crescimento do Estado do Rio de Janeiro, da economia e da economia brasileira.

O imposto é pró-cíclico. Então, quando a economia cresce a receita tributária tende a crescer mais que proporcionalmente, porque diminui inadimplência, aumenta a formalização. Quando a economia entra em recessão, estagnação a tendência é a receita cair mais proporcionalmente e foi isso que ocorreu desde 2015, e por quê? Porque aumenta inadimplência, a pessoa para de pagar o imposto e fala: - Não, na frente eu resolvo, mas eu vou continuar pagando meus empregados que eu não demiti. Se for um pequeno empresário, vou continuar procurando ter meu filho na escola privada se for o caso, se tiver. Mas, o fato é que receita é pró-cíclica, ela cresce mais proporcionalmente quando a economia cresce e cai mais proporcionalmente quando a economia cai.

Essa é a situação do emprego no estado do Rio de Janeiro. Também aí a gente não botou 2020 junto, porque procurou usar só a RAS e por essas ponderações que eu já fiz. Mas, a situação do Estado do Rio de Janeiro é dramática, a gente perde quase 600 mil empregos. Uma queda de quase 15% enquanto no Brasil essa queda está de 4,6%, São Paulo 3,1% e a cidade de São Paulo também perdeu muito menos emprego 1/3 do que a cidade do Rio perdeu. A situação da cidade do Rio de Janeiro é absolutamente dramática. Na construção civil, por exemplo, a queda foi de 50%, a receita mergulha a partir de 2017. Então, na situação nossa na cidade do Rio de Janeiro, também na nossa periferia metropolitana é muito complicada. Pelos dados do Caged, nós temos o pior desempenho entre as unidades federativas. Novamente, Santa Catarina aparece muito bem.

Agora, além disso, está ali na observação, de acordo com a PNAD continua entre o último trimestre de 2019 e o trimestre de 2020 foram perdidos 495 mil empregos de carteira assinada no estado do Rio de Janeiro. Então, fica aí essa indagação de quanto de fato foi perdido em termos de emprego formal, emprego com carteira assinada no estado do Rio de Janeiro, em 2020, porque os números da Pnad e do Caged, do novo Caged, mostra aí uma variação entre 100 e 500, quer dizer, quase cinco vezes maior do que a outra. Como é que a gente faz? Como é que a gente sabe qual é de fato número de pessoas desempregadas? Qual é a gravidade da situação? Qual é a política que a gente precisa fazer? Então, a gente precisa acertar essas dúvidas.

Essa é a taxa de desemprego. A gente vê o estado do Rio de Janeiro, o Brasil com a taxa muito elevada 14,6, novamente Santa Catarina bem ali com 6,6, essa do terceiro trimestre, porque do quarto semestre, pela dificuldade que o IBGE e a Pnad têm tido, não divulgaram o de jovens. Então, a gente manteve o terceiro trimestre por causa disso. Mas, 40% dos jovens no Estado do Rio de Janeiro estão procurando emprego sem encontrar. É uma situação absolutamente dramática.

Esses são os municípios que mais necessitaram, porque a parcela maior da população necessitou do auxílio emergencial e os que menos necessitaram, a gente vê que os mais necessitados são municípios turísticos ou pequenos municípios do interior Fluminense, ou mesmo municípios da nossa periferia metropolitana como Magé, Nova Iguaçu e Seropédica e os municípios que menos precisaram Niterói que é o município com economia muito formalizada, com classe média alta muito forte, foi o que menos precisou; os municípios industriais do médio Paraíba. Já olha que a indústria ali nem é essa Brastemp toda, mas aparece bem, o que mostra a força da indústria no sentido de formalização de emprego.

Uma coisa que eu trago, e pelo qual apanho muito também, eu acho que a gente deve procurar discutir qual é o peso real do turismo, hoje, no estado do Rio de Janeiro e qual é o peso que pode ter, que é muito maior do que é hoje. Mas, a gente precisa definir qual pode ser, de fato, esse peso.

Aí, se a gente pegar Búzios, Arraial do Cabo e Paraty como o turismo ainda é informal, na verdade, eles também pagam o salário médio baixo e aí na pandemia sendo informal, a situação ficou dramática. E, na verdade, quem perdeu o emprego em Búzios que tem bastante emprego formal em turismo, na verdade, ficou no seguro desemprego, mas mesmo assim 58% da população necessitou do auxílio emergencial em Armação dos Búzios.

E esse dado "alojamento", a gente vê que, na verdade, até ali Mangaratiba, Búzios, Paraty, Arraial do Cabo, Itaiaia e Mangaratiba o peso do emprego em hotéis e pousadas é significativo. Macaé, por exemplo, até tem o emprego alto, tem o percentual alto, mas tem por quê? Por causa do turismo de negócio e esse é outro ponto. No total do turismo, o turismo de negócio tem um peso muito grande em qualquer lugar do mundo em Paris, Nova York, São Paulo, Rio, a cidade do Rio, está certo?

Então, tem que pensar na verdade os dois e não apenas o turismo de lazer e surpreende o baixo número de empregos em hotéis e pousadas na cidade do Rio de Janeiro, eu sei que o turismo não é só hotel e pousada, mas é baixo, são 20 mil. Estive conversando com pessoas de duas redes de hotéis grandes aqui e disse que na cidade do Rio de Janeiro tem pouca terceirização de mão-de-obra, até porque a qualidade da mão-de-obra é muito importante para

hotéis e pousadas. Então, eu acho que o peso no turismo na cidade do Rio de Janeiro hoje é bem menor do que imagina o senso comum. Pode crescer bastante, mas a gente tem que discutir qual o peso vai ter.

Ali, em Friburgo, é ridículo o número de empregos formais e alojamento, um município belíssimo, com Lumar, Macaé de Cima, amo aquela região. Se você for ver, por exemplo, a moda íntima tem oito mil empregos formais fora os 12 mil informais. A metal mecânica também está muito em Nova Friburgo. Depois de Porto Real, proporcionalmente, é o município do interior Fluminense mais industrializado, mesmo que os demais municípios do Médio Paraíba.

Vamos olhar alimentação, restaurante, porque se as pessoas têm muita informalidade no turismo, e é verdade, principalmente cidade pequena porque o turismo é basicamente um final de semana, mas, a gente vê ali que Búzios e Paraty também tem muito, mas se você tem - principalmente onde você tem basicamente pousadas e as pousadas não têm almoço, as pessoas vão almoçar em restaurantes dos municípios turísticos, passeando. Aí, vem Paraty, Búzios e Paraty, de fato, um percentual mais alto.

São João de Meriti é um formigueiro, então, e você teve um aumento do salário mínimo, então, com isso as pessoas frequentam mais botequim, aí é muito mais botequim e restaurante mais humilde. Caxias também tem a BR40 ali, também tem uns restaurantes ali com a classe média mais forte também e aparece ali fora. Depois vem Arraial do Cabo, Cabo Frio, Niterói. Mas, veja que, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro e olha que aqui tem muito bar, até porque carioca adora esquina, adora bar, mesmo assim o peso não é muito diferente dos outros estados. Tem uma discussão aí, porque muitas vezes quando se fala em turismo se coloca todos os bares e restaurantes dentro. Eu acho isso um erro, porque a grande maioria dos bares e restaurantes da cidade do Rio de Janeiro estão na nossa zona suburbana, dos mais de 40% da população e na área de planejamento em 5: Santa Cruz, Campo Grande, Bangu e Realengo, onde mora quase 30% da população.

Então, na verdade, bares e restaurantes o mais importante está na Zona Sul, está na Barra, alguma coisa, enfim, basicamente fica talvez no Alto da Boa Vista. Mas, fica muito em uma parcela pequena do território da cidade do Rio de Janeiro.

Esse outro dado também ainda sobre a questão do turismo, trago o turismo aqui para a gente discutir mais como diz o Luiz Paulo, com menos achismo, a matriz insumo/produto vai ajudar muito nisso. Essa aí é a arrecadação de ISS da Prefeitura do Rio, o que ela mostra é que, via de regra, no mês do carnaval a receita de ISS é menor do que na média dos 12 meses. Isso tem algumas razões de ser primeiro que no mês de fevereiro, de março, dependendo, na semana do carnaval a maioria dos serviços fica fechado, então, a atividade do carnaval aumenta receita de ISS, as demais atividades puxam para baixo e também a cidade do Rio tem seis milhões e meio de habitantes, quer dizer, muita gente chega, mas muita gente sai do Rio.

Existe o pouco discurso até quando se fala em recurso para as escolas de samba, que na verdade a Prefeitura do Rio teria uma receita muito grande, muito maior que os demais meses, não é? e isso não é fácil. Esses dados aí mostram com clareza que pelo menos do ponto de vista e a receita que você tem e também carnaval - eu adoro carnaval, eu como Eliomar e acho que todos aqui, não é? Mas, eu sei por que eu o encontro nos blocos, mas fui um dos criadores, participei da criação do "Simpática é quase amor". Mas, o fato é que a garotada que vem é a garotada que toma basicamente cerveja, cerveja paga ICMS não paga ISS e essa é a realidade dos dados do ISS.

Vamos entrar na nossa periferia metropolitana, esses dados do IDEB têm alguns questionamentos sobre a qualidade dele, mas o fato é que se a gente pega o ranking dos municípios, das periferias da região Metropolitana, e dos estados das regiões Sul e Sudeste os piores resultados estão na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro e isso não é só na educação, pega a saúde é parecido, pega emprego é parecido, o grande problema do estado do Rio de Janeiro se chama periferia metropolitana, interior tem que se enfrentar uma série de coisas, mas a grande desigualdade, a grande miséria está na nossa periferia metropolitana.

E eu acho que um dos motivos é a Fusão não ter sido feita em 60, ter sido feita em 75. A Guanabara tinha um privilégio tributário, ela ficava com as receitas municipais e estaduais. Se a gente olhar, Caxias é mais cidade do Rio de Janeiro até do que Santa Cruz. Por que que a água vem de Nova Iguaçu e atende a cidade do Rio de Janeiro? Porque, na verdade, quem fez a obra do Guandu foi o Governo da Guanabara que fez uma modernização administrativa importante nos Governos do Lacerda e Negrão, isso é inegável, mas tinha também o privilégio tributário. Isso é ruim e é um dos motivos da gente ter a periferia mais precária do Sul e Sudeste.

Aí, os dados da educação comparando também no IDEB todos os municípios brasileiros, fazendo um ranking nacional dos 5.519 Municípios foram avaliados no último IDEB até a milésima posição só tem 2 do Estado do Rio de Janeiro e a maioria no Estado que tem - enfim, não é um Estado pobre, não é? Está além da posição três mil. Então, a gente tem um problema de estruturação do setor público estadual e municipal específico no estado do Rio de Janeiro. Acho que isso tem a ver com a lógica política, eu acho que tem a ver com a herança aqui das cassações que período militar aqui foi caçada a esquerda e a direita e aí surgiu uma lógica Chaguista e isso, na verdade, só vai se agravando. Tem artigos sobre isso, a gente pode até discutir isso também. Mas, o fato é que o Rio de Janeiro tem indicadores comparando aí com Sul e Sudeste, até mesmo com o Brasil que nos envergonha e a gente precisa discutir, ver como sai desse longo ciclo vicioso social e econômico. Quais as razões disso. É preciso ter um bom diagnóstico e quais são as ações para a gente entrar no ciclo virtuoso.

Esses são os 10 municípios melhores e piores colocados no índice Firjan de saúde, novamente a gente vê entre os melhores nenhum do estado do Rio de Janeiro e entre os piores a gente vê a nossa periferia metropolitana novamente. Eu gostaria de fazer uma observação aqui com muita fraqueza, mas eu fico à vontade porque eu já falei isso com a Firjan. Eu gosto muito do índice da Firjan de saúde e educação; não gosto de gestão fiscal. Do meu ponto de vista, o de gestão fiscal ele demoniza o custeio e saúde e educação é custeio. É muito curioso se a gente fizer, bota um ranking quais os municípios que estão bem no índice da Firjan de gestão fiscal? quais que estão bem de saúde e educação? quais que estão bem em saúde e em educação? Os que estão bem na gestão fiscal, via de regra, estão mal em saúde e educação, os que estão mal em saúde e educação estão bem na gestão fiscal, porque eu acho que se prioriza nesse índice fiscal da Firjan exageradamente o investimento.

Então, eu acho que essa é uma discussão boa para a gente levar aí com a Firjan de forma fraterna, é um índice importante, principalmente na saúde e educação. O da gestão fiscal, eu gostaria de deixar esse alerta tendo essa oportunidade desse debate público também, porque eu acho que precisa ser, pelo menos, avaliado. Se entender de que na verdade não é um índice que muitas vezes você - Ah, não está bem na gestão fiscal, está bem nas políticas públicas. Não, não é o que mostra, inclusive, fazendo uma correlação com os índices da própria Firjan de saúde e educação.

Esse é o peso na indústria e transformação dos principais estados, a gente vê que está a indústria no estado do Rio de Janeiro é muito rala, está certo? Está bem abaixo da média brasileira e eu acho que o maior é que Brasil por conta de uma taxa de juros muito alta desde o plano real teve alguma desindustrialização significativa. Santa Catarina aparece novamente como Estado mais industrializado.

Santa Catarina então não é só micro e pequena empresa, não é só turismo é uma estrutura produtiva integrada, onde você tem grandes empresas que não são enclaves, são âncoras como a WEG, como Ceccris, como as antigas Perdígão e Sadia, tubos Tigre. Então, eu acho que a gente tem que pensar uma estratégia sistêmica para o estado do Rio de Janeiro e acho que aí usando uma expressão estrangeira, o nosso benchmarking no Brasil, deve ser Santa Catarina.

Essa é uma tabela específica - já estou encaminhando para o final - sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde está o emprego e onde está a moradia.

O azul é o emprego formal, pela RAS, e a moradia pelos da-